

Economia gaúcha em 2014: o significado da falta de crescimento*

Roberto Pereira Rocha**

Mestre em Economia do Desenvolvimento, Analista Pesquisador
em Economia na Fundação de Economia e Estatística

Resumo

O texto analisa o desempenho da economia gaúcha em 2014, a partir, principalmente, das informações das Contas Trimestrais do RS, elaboradas pela Fundação de Economia e Estatística (FEE). O ano de 2014 foi marcado pela variação negativa de 0,3% do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul, caracterizando a falta de crescimento econômico. Tal resultado decorreu do desempenho significativamente negativo da indústria e do pequeno crescimento da agropecuária e dos serviços.

Palavras-chave: economia gaúcha; contas trimestrais do RS; PIB do Rio Grande do Sul.

Abstract

This paper analyzes the performance of the economy of the State of Rio Grande do Sul (RS) in 2014, based mainly on information from the Quarterly Accounts of RS, prepared by the Economics and Statistics Foundation (FEE). The year 2014 was marked by a negative variation of 0.3% in the Gross Domestic Product (GDP) of the State, which showed a lack of economic growth. This is a result of both the significantly negative performance of industry and the low growth of agriculture and services.

Keywords: Rio Grande do Sul's economy; quarterly accounts of RS; Rio Grande do Sul's GDP.

1 Introdução

A Fundação de Economia e Estatística (FEE) divulgou, em abril de 2015, as Contas Trimestrais do Rio Grande do Sul¹ referentes ao quarto trimestre de 2014 e, em consequência, os dados do fechamento desse ano. Foram publicados os valores correntes do Produto Interno Bruto (PIB), do Valor Adicionado Bruto (VAB), dos impostos e do PIB *per capita* do Estado, e as taxas de crescimento, em volume, dessas quatro variáveis e de 11 atividades econômicas. O objetivo deste texto é, a partir dos dados das Contas e de indicadores e informações complementares reunidas de outras fontes, analisar o desempenho da economia gaúcha durante o ano de 2014. Depois de uma elevada taxa de crescimento do PIB do Rio Grande do Sul em 2013 (6,7%), a variação negativa de 0,3% caracterizou a falta de crescimento de 2014. Tal resultado decorreu do desempenho significativamente negativo da indústria, que passou de um crescimento de 4,5% em 2013 para uma retração de -3,3% em 2014, e do pequeno crescimento da agropecuária, 0,6% em 2014, depois do excepcional crescimento de 40,1% em 2013, além da redução dos serviços, 3,5% em 2013 e 0,9% em 2014.

* Artigo recebido em 27 maio 2015.
Revisor de Língua Portuguesa: Breno Camargo Serafini.

** E-mail: robertorocha@fee.tche.br

¹ As Contas Trimestrais do RS são calculadas e divulgadas pelo Núcleo de Contas Regionais da FEE, composto, no ano de 2014, por Carolina Agranonik, Jefferson Augusto Colombo, Martinho Lazzari (coordenador), Rodrigo de Sá da Silva, Sérgio Fischer, Vinícius Dias Fantinel e Carlos Bertolli de Gouveia.

Após esta **Introdução**, na seção 2 examina-se o ambiente econômico nacional em 2014, apresentando-se os principais resultados macroeconômicos, o comportamento das atividades e outros aspectos relevantes da conjuntura nacional. Na terceira seção, analisa-se o desempenho agregado da economia gaúcha e dos mercados locais mais relevantes (trabalho, crédito e comércio internacional), e, na quarta, o desempenho é descrito na perspectiva da agropecuária, da indústria e dos serviços do Rio Grande do Sul em 2014. Nas **Considerações finais**, resumem-se os principais aspectos desenvolvidos ao longo do texto e são apresentadas algumas hipóteses mais gerais, para explicar a estagnação da economia do Rio Grande do Sul em 2014.

2 O Ambiente econômico nacional

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), o valor corrente do PIB brasileiro chegou, em 2014, a R\$ 5.521,3 bilhões, apresentando uma variação positiva de apenas 0,1%, um recuo ante o crescimento de 2,7%, em 2013.² O PIB *per capita* nacional recuou, em termos reais, 0,7%, alcançando R\$ 27.229 em valores correntes. Analisando o desempenho do PIB pela ótica da produção, a atividade serviços foi a que apresentou o maior crescimento, porém modesto, de 0,7% no ano, seguido por um crescimento ainda menor da agropecuária (0,4%) e por uma retração da indústria (-1,1%). Desagregando-se o comportamento das atividades produtivas, nos serviços as maiores taxas vieram dos setores de informação (4,6%) e de serviços imobiliários e aluguéis (3,3%); e as menores taxas, do comércio (-1,8%) e de outros serviços (0,1%). Já na agropecuária, destacaram-se, positivamente, o crescimento da produção do algodão (26,0%) e do arroz (3,3%) e, negativamente, a diminuição da produção da cana-de-açúcar (-6,7%) e do milho (-2,2%). No caso da soja e da mandioca, apesar do aumento da produção de ambos os produtos, respectivamente 5,8% e 8,8%, a queda da produtividade³ diminuiu seu impacto no crescimento do valor adicionado pela agropecuária. No caso da indústria, apenas a extrativa apresentou taxa positiva (8,7%), com a construção civil e as utilidades públicas⁴ recuando, ambas, 2,6%, e a da transformação caindo 3,8%. O crescimento das atividades extrativas deveu-se ao aumento do volume extraído tanto do petróleo e do gás natural quanto dos minerais ferrosos, enquanto a queda nas utilidades públicas decorreu do maior uso das termelétricas na geração de energia elétrica⁵. A queda da indústria de transformação foi principalmente provocada pela redução da indústria automotiva e da fabricação de máquinas e equipamentos, aparelhos elétricos e produtos de metal (Tabela 1).

Tabela 1

Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto e de seus componentes, pela ótica da produção, no Brasil — 2014

DISCRIMINAÇÃO	Δ%
PRODUTO INTERNO BRUTO	0,1
Impostos	-0,3
Valor Adicionado Bruto	0,2
Agropecuária	0,4
Indústria	-1,2
Indústria extrativa mineral	8,7
Indústria de transformação	-3,8
Construção civil	-2,6
Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana	-2,6
Serviços	0,7
Comércio	-1,8
Transportes, armazenagem e correio	2,0
Serviços de informação	4,6
Intermediação financeira e seguros	0,4
Outros serviços	0,1
Serviços imobiliários e aluguel	3,3
Administração, saúde e educação públicas	0,5

FONTE: IBGE (2014).

² Taxas de crescimento e demais resultados das Contas Trimestrais já calculadas pela Referência 2010 do Sistema de Contas Nacionais do IBGE.

³ Produtividade da terra refere-se à razão entre a produção e a área plantada.

⁴ Produção e distribuição de energia elétrica, gás, água, esgoto e limpeza urbana.

⁵ O custo dos insumos utilizados na geração de energia elétrica pelas termelétricas reduzem o valor adicionado bruto da atividade.

Pela ótica da despesa, a maior taxa de crescimento veio do consumo da administração pública, 1,9%, seguida pela do consumo das famílias, que cresceu 0,9%. Apesar de positivas, essas taxas representam as menores taxas anuais, desde o ano 2000, para a administração pública e, desde 2003, para o consumo das famílias. O modesto desempenho deste último componente pode ser explicado pelo menor crescimento, em termos reais, do crédito com recursos livres para as pessoas físicas, que havia crescido nominalmente 8,5% em 2013 e apenas 5,8% em 2014. Já a formação bruta de capital fixo foi o agregado com a maior taxa negativa no PIB de 2014 (-4,4%), maior queda observada desde 1999. Contribuíram para esse resultado tanto a desaceleração da construção civil como a queda na aquisição de máquinas e equipamentos. No que tange ao setor externo, a queda de 1,0% da importação de bens e serviços foi superada pela queda de 1,1% das exportações. O desempenho da pauta importadora foi determinado pela queda nas compras externas de máquinas e equipamentos, automóveis (incluindo peças e acessórios) e gasolina automotiva. Pelo lado das exportações, o recuo foi, em grande parte, provocado pela redução das vendas da indústria automotiva (incluindo caminhões e ônibus) e das embarcações e estruturas flutuantes (Tabela 2).

Tabela 2

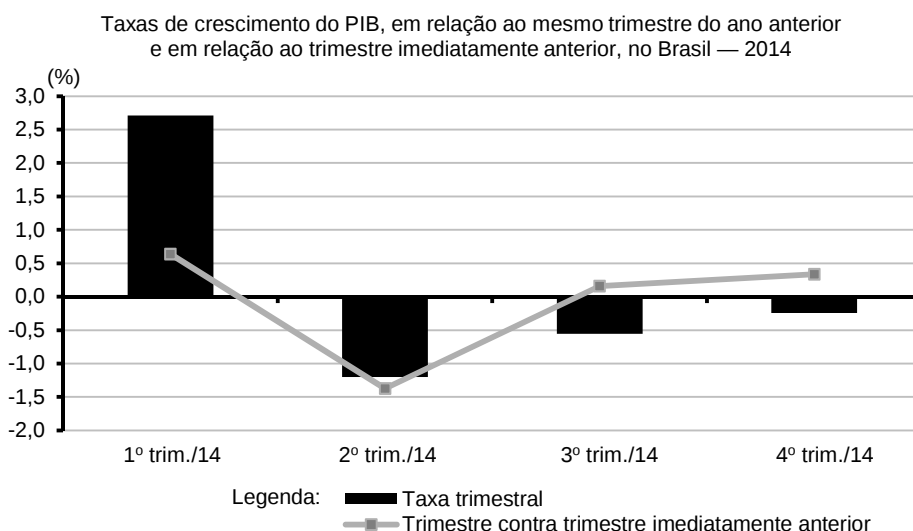
Taxas de crescimento do PIB e de seus componentes, pela ótica da despesa,
no Brasil — 2014

DISCRIMINAÇÃO	Δ%
Produto Interno Bruto	0,1
Consumo das famílias	0,9
Consumo da administração pública	1,3
Formação bruta de capital fixo	-4,4
Exportação	-1,1
Importação	-1,0

FONTE: IBGE (2014).

Observando o desempenho econômico no transcorrer do ano, o PIB de 2014 cresceu em relação ao mesmo trimestre de 2013 apenas no primeiro, 2,7%, apresentando taxas negativas nos três trimestres subsequentes: -1,2% no segundo; -0,6% no terceiro; e -0,2% no quarto trimestre. Nas taxas em relação aos trimestres imediatamente anteriores (com ajuste sazonal), o primeiro trimestre de 2014 em relação ao último de 2013 foi o de maior crescimento, 0,6%, seguido de uma queda expressiva na passagem do primeiro para o segundo trimestre, -1,4%, e, posteriormente, de pequenos crescimentos do segundo para o terceiro, 0,2%, e do terceiro para o quarto, 0,3%. Comparando os semestres de 2014 com os mesmos semestres de 2013, o primeiro apresentou um crescimento de 0,7%; e o segundo, uma queda de -0,4%, o pior desempenho de um segundo semestre desde 1998. Do ponto de vista temporal, o resultado de 2014 decorreu de uma grande queda no segundo trimestre, que não foi recuperada nos trimestres posteriores. Os principais responsáveis pela queda no segundo trimestre foram, tanto em relação ao segundo trimestre de 2013 quanto em relação ao primeiro trimestre de 2014, a indústria da construção civil e de transformação pelo lado da produção e a formação bruta de capital fixo pelo lado da demanda. Já as quedas na produção das utilidades públicas e do comércio foram mais significativas apenas na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2014 (Gráfico 1).

Gráfico 1



FONTE: IBGE (2014).

3 Desempenho agregado da economia gaúcha

Segundo as Contas Trimestrais do RS, o PIB do Rio Grande do Sul, a preços constantes, apresentou variação negativa de -0,3% em 2014 (Tabela 3). Em valores correntes, alcançou R\$ 330,6 bilhões, com crescimento do deflator implícito de 6,8%. O PIB *per capita* teve uma redução de -0,8% em termos de volume, em relação ao de 2013, e seu valor chegou a R\$ 29.499,00. No momento, os resultados das Contas Trimestrais do Rio Grande Sul não podem ser comparados diretamente com os das Contas Trimestrais do Brasil, devido às mudanças metodológicas no indicador nacional decorrentes da implantação de uma nova Referência (2010), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 3

Taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto (VAB), por setores de atividade, e do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 2013-14

DISCRIMINAÇÃO	Taxas de crescimento (%)	
	2013	2014
PIB	6,7	-0,3
Impostos	5,6	-1,5
Valor Adicionado Bruto	6,9	-0,1
Agropecuária	40,1	0,6
Indústria	4,5	-3,3
Indústria de transformação	5,9	-4,2
Construção civil	2,1	-4,6
Demais indústrias	0,7	5,7
Serviços	3,5	0,9
Comércio	4,9	0,1
Transportes, armazenagem e correio	6,8	1,0
Serviços imobiliários e aluguel	2,5	3,0
Administração, saúde e educação públicas	2,7	2,5
Demais serviços	2,8	0,3

FONTE: FEE (2014b).

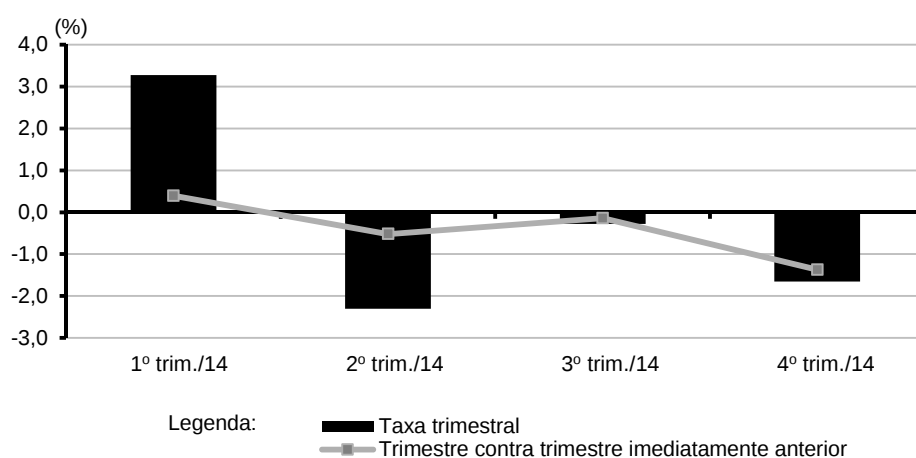
Considerando-se os dados da Matriz de Insumo-Produto de 2008 (Sá, 2014), onde mais de 50% da demanda final da indústria gaúcha é destinada ao resto do País, pode-se inferir que a estagnação da economia gaúcha em 2014 foi, na maior parte, determinada pela desaceleração da economia brasileira, principalmente quanto à queda na indústria de transformação, mais dependente que os outros segmentos da indústria de vendas para o resto do Brasil (63%), e, no setor relacionado diretamente com a formação bruta de capital fixo, com significativo peso na produção industrial gaúcha (17%, de acordo com Pesquisa Industrial de 2013, do IBGE).

A queda de 3,3% da indústria total foi decorrente da redução do VAB, tanto da queda da indústria de transformação, em 4,2%, quanto da construção civil, em 4,6%, mesmo diante de um crescimento significativo das demais indústrias (utilidades pública e extrativa) de 5,7%. A agropecuária, depois de um resultado excepcional em 2013 (40,1%), teve um crescimento modesto em 2014 (0,6%), prejudicado pela alta base de comparação, a quebra da safra do trigo e a diminuição da produtividade da terra. Os serviços foram a atividade agregada que mais cresceu (0,9%) em 2014, sustentados pelo comportamento mais estável das atividades imobiliárias e da administração pública, contrabalançando o forte recuo de 2013 para 2014 do comércio, de 4,9% para 0,1%, dos transportes, de 6,8% para 1,0%, e dos demais serviços⁶, de 2,8% para 0,3%.

Como a contribuição da agropecuária no desempenho do PIB é maior no primeiro trimestre, a ausência de um desempenho agropecuário positivo no período fez com que o resultado da economia gaúcha fosse, em sua maior parte, determinado pela forte redução das principais atividades industriais (transformação e construção civil) (Gráfico 2).

Gráfico 2

Taxas de crescimento do PIB em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e em relação ao trimestre imediatamente anterior, no Rio Grande do Sul — 2014



FONTE: FEE (2014b).

O quadro de fraqueza da atividade econômica gaúcha em 2014 também é observado no mercado de trabalho. Apesar de a taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) ter mantido a tendência de queda observada nos anos recentes (Tabela 4), tanto os rendimentos reais quanto a população ocupada apresentaram redução em 2014⁷. O quadro de desaceleração fica mais nítido com a redução na força de trabalho e na criação de empregos formais no Rio Grande do Sul. Enquanto a oferta de trabalho (população com mais de 14 anos procurando emprego) diminuiu em 0,2%, de 2013 para 2014, no Estado, a criação de empregos formais foi quatro vezes menor em 2013, em relação a 2014. A consequência desse desaquecimento, combinado com o aumento dos índices de inflação, foi a redução da massa de rendimentos reais. Observando-se o comportamento temporal de seu índice na RMPA, em 2014, ele manteve os valores alcançados no final de 2013, até abril, caindo a partir desse ponto, até se estabilizar no último trimestre do ano (2014) em valores 8,0% menores que os do primeiro trimestre do ano (Gráfico 3). A redução da massa de rendimentos certamente está entre os fatores que explicam a queda no comércio e nos serviços em geral.

⁶ Compreendem os serviços de alojamento e alimentação; informação; financeiros; prestados às famílias; prestados às empresas; saúde e educação mercantil; e domésticos.

⁷ Conforme dados da PED-RMPA (FEE, 2014a), para o total de ocupados os empregos reduziram-se em -2,1%; e o rendimento médio, -0,1%.

Tabela 4

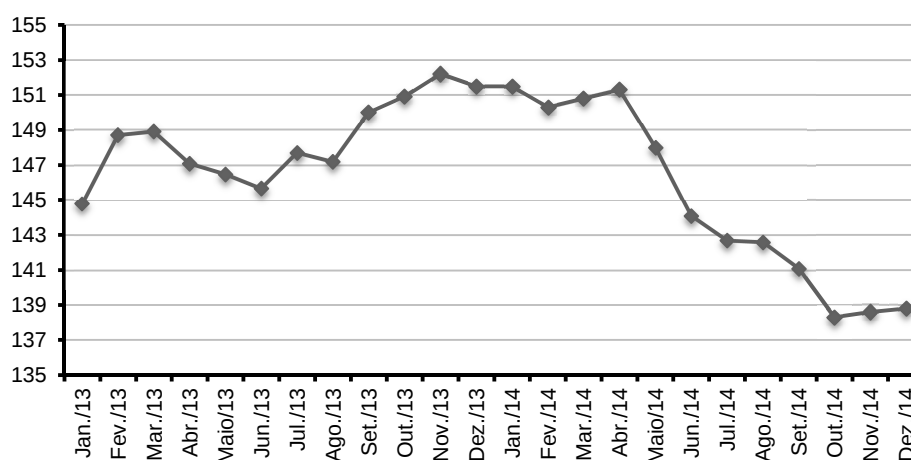
Taxas de desemprego, força de trabalho com mais de 14 anos e criação de empregos formais na Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul — 2012-14

ANOS	TAXA DE DESEMPREGO (%)	FORÇA DE TRABALHO (1.000)	CRIAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS
2012	7,1	5.780	82.577
2013	6,4	5.924	90.164
2014	6,0	5.910	23.896

FONTE: FEE (2014a).
IBGE (2015).
MTE (Brasil, 2014).

Gráfico 3

Índice da massa de rendimentos reais dos assalariados, na RMPA — 2013/2014



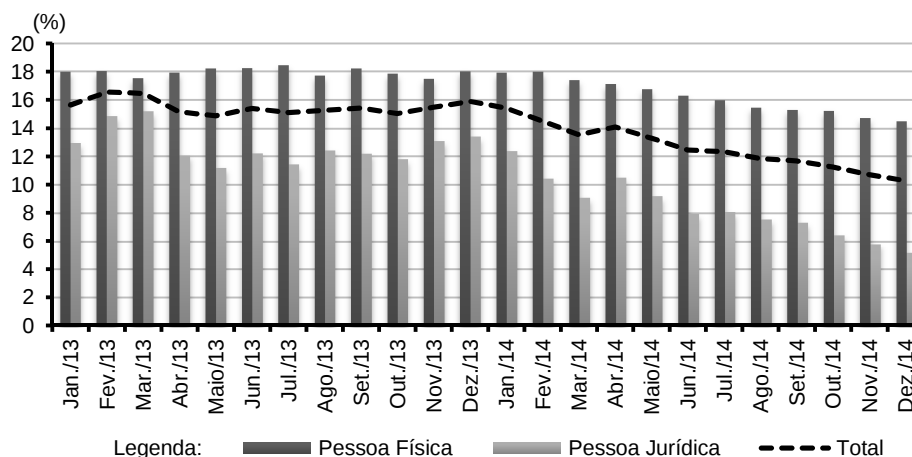
FONTE: FEE (2014a).

NOTA: Os dados referem-se à média de 2000 = 100.

Outro fator que implicou na redução da demanda local foi a desaceleração do crescimento do crédito no Rio Grande do Sul (Gráfico 4). Em termos totais, o saldo das operações de crédito reduziu sua taxa de crescimento em 12 meses (-18,8%), sendo mais pronunciada sua diminuição no saldo das pessoas jurídicas (-34,6%) que nas pessoas físicas (-9,7%). A elevação das taxas de juros, o comprometimento da renda das famílias com o pagamento das dívidas e a própria redução da atividade econômica explicam essa diminuição do ritmo de aprofundamento do crédito no Estado.

Gráfico 4

Evolução do saldo e variação em 12 meses das operações de crédito no Rio Grande do Sul — 2013-14



Legenda: Pessoa Física Pessoa Jurídica Total

FONTE: Bacen (2014).

O setor externo também colaborou negativamente para o desempenho econômico do Rio Grande do Sul em 2014. Entretanto tal resultado foi fortemente influenciado pelas exportações atípicas de plataformas petrolíferas realizadas em 2013. Assim, a redução dos valores exportados em 25,5% (US\$ 18, bilhões) fez com que o Estado retornasse para o quinto lugar entre os maiores estados exportadores do País (Tabela 5). Da mesma forma, a comparação com o desempenho nacional também ficou desfavorável para o Estado, com uma redução do valor exportado pelo Rio Grande do Sul 3,6 vezes maior que a nacional; sua participação na exportação brasileira caiu mais de dois pontos percentuais de 2013 para 2014, indo de 10,37% para 8,31%. Essa queda no valor da exportação gaúcha decorreu de uma diminuição de 24,0% no volume e de -1,9% nos preços. Em relação aos países de destino, a China manteve-se no primeiro lugar, e, apesar de uma pequena queda no valor exportado, sua participação no total das exportações feitas pelo RS aumentou de 18,14% em 2013 para 23,83% em 2014 (Tabela 6). As maiores quedas em valor vieram do Panamá (US\$ 2,9 bilhões) e da Holanda (US\$ 2,0 bilhões), exatamente devido à excepcionalidade já citada da exportação de três plataformas em 2013 que não se repetiram em 2014. Depois disso, os maiores recuos vieram da Argentina (US\$ 0,6 bilhão), principalmente causados pela redução das exportações de veículos automotores (incluindo partes e peças), e da Coreia do Sul (US\$ 0,2 bilhão), com a queda das exportações de farelo de soja.

Tabela 5

Valor, participação percentual e variação de valor, volume e preço das exportações no Brasil e em estados selecionados — 2013-14

BRASIL E ESTADOS	2013		2014		VARIAÇÃO PERCENTUAL		
	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual	Valor	Volume	Preço
Brasil	242.033.575	100,00	225.100.885	100,00	-7,0	-2,8	-4,4
São Paulo	56.172.543	23,21	51.458.040	22,86	-8,4	-2,9	-5,7
Minas Gerais	33.436.933	13,81	29.320.645	13,03	-12,3	0,7	-12,9
Rio de Janeiro	21.273.039	8,79	22.619.317	10,05	6,3	8,4	-1,9
Rio Grande do Sul	25.093.698	10,37	18.695.564	8,31	-25,5	-24,0	-1,9
Paraná	18.239.202	7,54	16.332.120	7,26	-10,5	-5,3	-5,4
Mato Grosso	15.815.951	6,53	14.796.823	6,57	-6,4	-1,3	-5,2
Pará	15.852.091	6,55	14.259.475	6,33	-10,0	4,4	-13,8
Espírito Santo	10.908.455	4,51	12.689.541	5,64	16,3	7,2	8,5
Bahia	10.091.660	4,17	9.309.740	4,14	-7,7	-4,3	-3,6
Santa Catarina	8.688.848	3,59	8.987.359	3,99	3,4	5,8	-2,2

FONTE: FEE (2014).

Tabela 6

Valor e participação das exportações, por países de destino, do Rio Grande do Sul — 2013 e 2014

PAÍSES E TOTAL	2013		2014	
	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual
China	4.550.982	18,14	4.454.986	23,83
Estados Unidos	1.641.622	6,54	1.365.157	7,30
Argentina	1.897.532	7,56	1.345.345	7,20
Paraguai	715.954	2,85	855.303	4,57
Países Baixos (Holanda)	2.522.376	10,05	530.454	2,84
Alemanha	565.636	2,25	502.552	2,69
Uruguai	484.838	1,93	496.887	2,66
Venezuela	341.801	1,36	451.327	2,41
Bélgica	545.836	2,18	427.786	2,29
Coreia do Sul	647.648	2,58	397.896	2,13
Outros	11.179.474	44,55	7.867.874	42,08
TOTAL	25.093.698	100,00	18.695.564	100,00

FONTE: FEE (2014).

4 Desempenhos setoriais

O pequeno crescimento de dois dos três grandes setores da economia do Estado, agropecuária e serviços, que, juntos, representavam 77,55% do VAB de 2013, acabou por apenas compensar a queda significativa do terceiro, a indústria, que participava com os 22,45% restantes do VAB do Rio Grande do Sul (Tabela 7). Se, em 2013, além do resultado extremamente positivo da safra agrícola, a indústria de transformação também havia apresentado um crescimento significativo, em associação com o crescimento da formação bruta de capital fixo nacional, em 2014 o modesto desempenho de setor agrícola também foi acompanhado da reversão do ciclo de investimentos no País. Nesse ano, nem as condições climáticas, nem a conjuntura econômica auxiliaram no crescimento do Rio Grande do Sul.

Tabela 7

Estrutura do Valor Adicionado Bruto (VAB) do Rio Grande do Sul — 2013

DISCRIMINAÇÃO	COMPOSIÇÃO (%)
Valor Adicionado Bruto	100,00
Agropecuária	11,68
Indústria	23,15
Indústria de transformação	16,29
Construção civil	4,52
Demais indústrias	2,33
Serviços	65,17
Comércio	13,65
Transportes, armazenagem e correio	5,15
Serviços imobiliários e aluguel	6,15
Administração, saúde e educação públicas	17,85
Demais serviços	22,38

FONTE: FEE (2014b).

NOTA: Estimativas preliminares.

A quantidade produzida de soja em 2014 alcançou novamente o maior patamar histórico no Rio Grande do Sul: 13 milhões de toneladas, um crescimento de 2,2% em relação à safra colhida em 2013 (Tabela 8). Entretanto o resultado, em termos de valor adicionado, não foi tão satisfatório, devido à elevação do consumo intermediário da atividade e à queda da produtividade causada por condições climáticas adversas. Como a rentabilidade elevada da atividade tem incentivado a ampliação da área plantada, a queda da produtividade de -3,1% em 2014 ficou ainda mais onerosa, por incidir sobre uma área plantada maior, reduzindo a contribuição da soja no crescimento da agropecuária. Da quantidade produzida, 59,03% foi destinada ao mercado externo, representando 87,98% do valor agropecuário exportado pelo Rio Grande do Sul para outros países (Tabela 9). A China continua responsável pela grande maioria das aquisições (90,26%) de soja do Estado. Somando-se às exportações do grão as de óleo e de farelo de soja, o volume exportado de soja e derivados chegou a 10,4 milhões de toneladas, e o valor, a US\$ 5,3 bilhões, o que corresponde a 28,74% do valor total exportado pela economia gaúcha.

Tabela 8

Área colhida, produção e produtividade dos principais produtos agrícolas no Rio Grande do Sul — 2013-14

PRODUTOS	2013			2014			VARIAÇÃO PERCENTUAL		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)
Soja	4.727.821	12.756.577	2,7	4.986.542	13.041.226	2,6	5,5	2,2	-3,1
Arroz	1.083.863	8.099.357	7,5	1.113.780	8.240.847	7,4	2,8	1,7	-1,0
Fumo	203.823	430.905	2,1	204.608	412.622	2,0	0,4	-4,2	-4,6
Milho	1.003.965	5.419.780	5,4	924.483	5.389.916	5,8	-7,9	-0,6	8,0
Trigo	1.059.032	3.351.150	3,2	1.179.017	1.670.623	1,4	11,3	-50,1	-55,2
Mandioca	71.204	1.166.363	16,4	68.674	1.181.422	17,2	-3,6	1,3	5,0
Uva	49.783	807.693	16,2	49.998	812.537	16,3	0,4	0,6	0,2
Maçã	17.979	642.987	35,8	17.433	690.422	39,6	-3,0	7,4	10,7
Batata-inglesa	19.015	357.138	18,8	18.235	357.236	19,6	-4,1	0,0	4,3
Tomate	2.304	112.196	48,7	2.376	117.242	49,3	3,1	4,5	1,3
Feijão	72.384	94.805	1,3	76.271	111.066	1,5	5,4	17,2	11,2
Laranja	27.062	390.538	14,4	26.003	380.025	14,6	-3,9	-2,7	1,3
Aveia	152.749	391.147	2,6	142.016	230.691	1,6	-7,0	-41,0	-36,6

FONTE: IBGE (2013a, 2014a).

O arroz e o milho também contribuíram positiva, mas modestamente, para o crescimento da agropecuária em 2014. A produção do primeiro cresceu 1,7%, com um acréscimo de 2,8% na área e uma queda de produtividade de -1,0%. As 8,2 milhões de toneladas colhidas em 2014 só são superadas pelas 8,9 milhões colhidas na safra de 2011. As exportações de arroz (*in natura* e beneficiado) do Rio Grande do Sul apresentaram estabilidade em relação ao exportado, em 2013, o que significa que o maior volume produzido se destinou ao consumo interno ou à formação de estoques. Já a produção do milho apresentou um leve recuo de -0,6%, resultado da combinação da redução da área colhida (-7,9%), pelo sexto ano consecutivo, e da menor área colhida desde a seca de 2005, com um aumento de produtividade de 8,0%, resultando no maior rendimento do milho por hectare, no Rio Grande do Sul. Essa melhora da produtividade do milho pode estar associada a uma maior área irrigada, à melhoria na assistência técnica e a avanços na biotecnologia. Assim, apesar da diminuição na produção, o aumento de produtividade fez com que o milho contribuísse positivamente para o valor adicionado da agropecuária.

Tabela 9

Valor e variação de valor, volume e preço das exportações, por atividades, no Rio Grande do Sul — 2013 e 2014

ATIVIDADES E PRODUTOS	2013		2014		VARIAÇÃO PERCENTUAL		
	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual	Valor (US\$ 1.000,00)	Participação Percentual	Valor	Volume	Preço
TOTAL	25.093.698	100,00	18.695.564	100,00	-25,5	-24,0	-1,9
Agropecuária	5.073.659	20,22	4.531.253	24,24	-10,7	-5,8	-5,2
Soja	4.226.179	83,30	3.986.628	87,98	-5,7	-2,2	-3,5
Demais	847.480	16,70	544.625	12,02	-35,7	...	...
Indústrias de transformação ...	19.750.590	78,71	13.900.397	74,35	-29,6	-29,2	-0,6
Produtos alimentícios e bebidas	4.229.758	21,42	4.271.846	30,73	1,0	1,1	-0,1
Químicos	2.280.461	11,55	2.096.812	15,08	-8,1	-8,0	-0,1
Fumo	2.323.152	11,76	1.889.359	13,59	-18,7	-16,4	-2,7
Máquinas e equipamentos	1.372.271	6,95	1.187.023	8,54	-13,5	-11,4	-2,4
Couros e artefatos de couro e calçados	1.018.118	5,15	1.124.178	8,09	10,4	3,8	6,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1.354.412	6,86	948.858	6,83	-29,9	-29,4	-0,8
Borracha e plástico	368.144	1,86	357.837	2,57	-2,8	0,4	-3,2
Móveis e indústrias diversas	320.782	1,62	323.322	2,33	0,8	-0,5	1,3
Metal — exceto máquinas e equipamentos	326.218	1,65	310.095	2,23	-4,9	0,1	-5,0
Coque, refino de petróleo e produção de álcool	354.862	1,80	451.078	3,25	27,1	29,8	-2,1
Celulose, papel e produtos de papel	178.171	0,90	167.897	1,21	-5,8	-5,0	-0,8
Outros equipamentos de transporte	4.783.177	24,22	12.785	0,09	-99,7	-99,7	-18,5
Demais	841.065	4,26	759.307	5,46	-9,7	...	...
Outros	269.450	1,07	263.915	1,41	-2,1	...	...

FONTE: FEE (2014).

O trigo e o fumo foram os produtos com pior desempenho no setor. No caso do trigo, depois da maior colheita da história em 2013, 3,4 milhões de toneladas, houve uma redução de -50,1% na quantidade produzida, devido a problemas climáticos. Essa diminuição da produção, combinada com a elevada expansão da área colhida, a maior da história, fez com que a queda na produtividade da terra chegasse a 55,2%. Já a produção de fumo teve uma queda 4,2%, decorrência de uma queda da produtividade (-4,6%) e de um pequeno crescimento da área colhida (0,4%).

Dos 22,45% do VAB do Rio Grande do Sul que a indústria total representava em 2013, 70,38% deles eram compostos pelo valor adicionado da indústria de transformação, 19,55% correspondiam à parte da construção civil, e 10,07% tinham seu valor gerado pelas demais indústrias (extrativa mineral e eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana). O setor como um todo recuou 3,3% em 2014, depois de ter crescido 4,5% em 2013, com o resultado negativo determinado pela queda de 4,2% na transformação e 4,6% na construção civil.

A queda de 4,2% da indústria de transformação do Rio Grande do Sul em 2014 significa uma forte reversão em relação ao crescimento de 5,9% em 2013. Além disso, a queda foi generalizada: das 14 atividades pesquisadas pelo IBGE (IBGE, 2014b), 13 apresentaram resultado negativo, e o único positivo foi o crescimento

pouco expressivo de 0,1% no setor de bebidas (Tabela 10)⁸. Do ponto de vista do impacto, três atividades, devido tanto à dimensão de sua queda quanto à sua participação na estrutura industrial contribuíram com metade da redução: máquinas e equipamentos, móveis e couros e calçados.

Tabela 10

Taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação,
por atividades, no Rio Grande do Sul — 2014

ATIVIDADES	Δ%
Bebidas	0,1
Fumo	-0,3
Produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-1,3
Alimentos	-1,4
Celulose, papel e produtos de papel	-2,8
Minerais não-metálicos	-3,8
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-4,5
Borracha e de material plástico	-4,6
Máquinas e equipamentos	-4,8
Produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos	-4,9
Couros e artefatos, artigos para viagem e calçados	-5,5
Outros produtos químicos	-6,3
Móveis	-7,3
Metalurgia	-16,0

FONTE: IBGE (2014b).

A indústria de alimentos apresentou recuo de 1,4% em 2014, e a de bebidas, como já adiantado, uma pequena variação de 0,1%. O pequeno crescimento das exportações de alimentos e bebidas (1,1% em volume e 1,0% em valor) não foi capaz de impactar significativamente o crescimento dessas atividades (Tabela 8). Outro setor que apresentou um quadro de estabilidade foi a indústria fumageira, com um pequeno recuo no índice de volume da produção, de 0,3% na comparação entre 2014 e 2013, apesar dos recuos tanto na oferta de matéria-prima, quanto nos indicadores de exportação (diminuição de 18,7% no valor e 16,4% no volume).

A atividade outros produtos químicos caiu 6,3%, comportamento bastante relacionado com o desempenho da exportação (-8,1% em valor e -8,0% em volume), influenciada pela crise da Argentina. De forma semelhante, a indústria da celulose registrou queda de 2,8%, em linha com a redução de suas exportações em 5,8% em valor e 5,0% em volume. Por outro lado, nas atividades de refino e de couros e calçados, os recuos em suas taxas de crescimento não foram acompanhados da redução nas exportações. No caso do refino, a queda em seu volume da produção de 1,3% foi acompanhada de um crescimento de 27,1% em valor e de 29,8% em volume nas exportações; além de um crescimento de 5,5% no volume do comércio de combustíveis e lubrificantes medido pela Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. Essa dissociação parece estar relacionada com o elevado volume de produção alcançado pela atividade depois do crescimento de 22,8%, em 2013. No segmento de calçados, a queda de 5,5% do volume produzido ocorreu juntamente com o crescimento de 10,4% em valor e 3,8% em volume das exportações, mas, em paralelo, com uma queda de 3,0% no Rio Grande do Sul e de 1,1% no Brasil, no indicador de volume de comércio de tecidos, vestuários e calçados. Entretanto o crescimento de 6,4% no índice de preços das exportações é um resultado bastante significativo no atual contexto das exportações brasileiras.

A atividade de veículos automotores⁹, que caiu 4,5% em 2014, foi prejudicada pela redução de vendas internas e externas. As vendas de veículos, motocicletas, partes e peças caíram, segundo o índice de volume da PMC, 9,4% no Brasil e 4,6% no Rio Grande do Sul. Essa queda expressiva da demanda de veículos esteve fortemente relacionada com a desaceleração do crescimento do crédito e da renda real das famílias em 2014. Aos problemas internos, vieram se somar as dificuldades econômicas da Argentina, que prejudicaram significativamente as exportações gaúchas do setor: queda de 29,9% no valor e de 29,4% no volume. O segmento de borracha e plástico, bastante associado com o desempenho do setor automotivo, também caiu em 2014; 4,6%, apesar de um quadro relativamente estável das exportações, que registraram queda de 2,8% em valor e aumento de 0,4% no volume.

⁸ Conforme a metodologia do PIB Trimestral do RS, o crescimento da produção industrial medido pelo IBGE é utilizado como “proxy” do crescimento do valor adicionado pela atividade.

⁹ A atividade engloba a fabricação de automóveis, camionetas, utilitários, caminhões, cabines, carrocerias, reboques, peças e acessórios, recondição e recuperação de motores.

O setor de máquinas e equipamentos foi o de maior crescimento da indústria de transformação do Rio Grande do Sul nos últimos anos (conforme a Pesquisa Industrial Mensal, 87,35% entre janeiro de 2002 e dezembro de 2013). Concentrada na produção de tratores, colheitadeiras e máquinas agrícolas¹⁰, o setor de máquinas e equipamentos vinha crescendo a taxas anuais de mais de dois dígitos desde 2010, sendo que, em 2013, sua expansão foi de 11,2%. Assim, sua queda de 4,8% em 2014 tem uma importância significativa no desempenho da indústria de transformação gaúcha. As razões para essa desaceleração refletem a alta base de comparação com 2013, as mudanças nas condições de financiamento do Programa de Sustentação do Investimento (PSI) e as incertezas provocadas pela queda dos preços das commodities. Outras duas atividades do complexo metal-mecânico tiveram desempenho negativo em 2014, a metalurgia, que caiu 16,0%, e os produtos de metal, com queda de 4,9%.

Por fim, o setor moveleiro teve uma diminuição de sua produção em 2014, em relação à de 2013, de 7,3%. Tendo em vista que, em 2013, o crescimento do setor havia sido de 7,2%, o resultado de 2014 devolve o segmento ao nível de produção de 2012. Com um quadro estável nas exportações, a queda da atividade decorre da desaceleração da demanda interna. Isso pode ser observado nos resultados das vendas do comércio segundo a PMC, que, no caso do País, desaceleraram de 4,9% em 2013 para 0,6% em 2014 e, no caso do Rio Grande do Sul, respectivamente, de 6,9% para 1,1%. Além dos já citados problemas de crédito e de renda, no caso dos móveis a elevação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) no segundo semestre do ano veio a se somar às outras razões para prejudicar o desempenho do setor.

A indústria da construção civil também recuou 4,6% em 2014, pior resultado anual desde o início da série, em 2002, das contas regionais trimestrais do Rio Grande do Sul. O desempenho do setor foi influenciado pela conclusão de obras associadas à realização da Copa do Mundo no Brasil e pela redução da venda de imóveis residenciais. Já as demais indústrias (extrativa mineral e eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana) foram o único setor da indústria a ter resultado positivo, 5,7%, e maior taxa de crescimento considerando todos os setores que fazem parte do cálculo do PIB do Estado. O desempenho de 2014 desse agregado é explicado pelo crescimento do consumo de energia elétrica no RS, sem levar em conta ainda a provável redução no valor adicionado da geração, devido à crise hídrica.

O setor serviços participava, de acordo com os dados de 2013, com 65,17% do VAB do Estado (Tabela 7). Apesar do pequeno crescimento, foi o setor agregado com melhor resultado em 2014 (1,2%). Mais de um terço dos serviços (34,34%) estão reunidos nos demais serviços (alojamento e alimentação, informação, financeiros, prestados às famílias, prestados às empresas, saúde e educação mercantil, domésticos), que cresceram 0,5% em 2014. Os comportamentos mais estáveis da administração pública, que correspondia a 27,39% dos serviços em 2013, e dos aluguéis, que eram 9,43%, estiveram por trás das taxas de crescimento de 2,5% e 3,0% no ano, respectivamente. O segmento de transportes, que compreende armazenagem e correios e perfazia 7,90% dos serviços em 2013, acompanhou a desaceleração da economia e terminou o ano de 2014 crescendo apenas 1,0%, ante um crescimento de 6,8% em 2013.

A atividade dos serviços que mais reduziu seu ritmo de crescimento entre 2013 e 2014 foi o comércio, de 4,9% para 0,1%. Representando, em 2013, 20,94% do total dos serviços e 13,65% do VAB da economia gaúcha, sua quase estagnação reflete a diminuição da expansão dos rendimentos reais e do crédito. Dos 13 segmentos pesquisados no Rio Grande do Sul pelo IBGE, cinco apresentaram taxas negativas, e os de maior destaque positivo foram exatamente os que compreendem produtos de menor valor unitário e, portanto, menos dependentes do crédito e da renda real, como outros artigos de uso pessoal e doméstico e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (Tabela 11).

Os dados do mercado de trabalho formal refletem o desempenho setorial descrito nesta seção (Tabela 12). As duas únicas atividades que tiveram um saldo líquido de contratações maior em 2014 que em 2013 integram o segmento de maior expansão (indústria extrativa e de utilidade pública); os setores que mais diminuíram postos foram os segmentos industriais de maior retração (transformação e construção civil), enquanto, na atividade de serviços, a redução da criação de empregos formais foi menor.

¹⁰ 38,5% em 2013, segundo a Pesquisa Industrial Empresa.

Tabela 11

Taxas de crescimento do volume de vendas do comércio varejista ampliado,
por atividades, no Rio Grande do Sul — 2014

	(%)
DISCRIMINAÇÃO	TAXAS
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	6,6
Combustíveis e lubrificantes	5,5
Material de construção	4,2
Eletrodomésticos	2,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo ..	1,6
Hipermercados e supermercados	1,5
Móveis e eletrodomésticos	1,1
Móveis	-0,5
Tecidos, vestuário e calçados	-3,0
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,2
Veículos, motocicletas, partes e peças	-4,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-15,9

FONTE: IBGE (2014c).

Tabela 12

Saldo entre admissões e demissões, total e por setores de atividade,
no Rio Grande do Sul — 2013 e 2014

ATIVIDADES	SALDO	
	2013	2014
Agropecuária	1.789	-129
Extrativa mineral	172	424
Indústria de transformação	14.369	-17.342
Construção civil	7.191	-866
Serviços industriais de utilidade pública	-91	408
Serviços	40.889	28.213
Comércio	24.571	13.431
Administração pública	1.274	-243
TOTAL	90.164	23.896

FONTE: MTE (Brasil, 2014).

5 Considerações finais

A variação negativa da taxa de crescimento do PIB e a consequente falta de crescimento da economia gaúcha em 2014 estão intimamente ligadas aos mesmos fatores que determinaram a desaceleração da economia nacional, principalmente a sua indústria de transformação e sua formação bruta de capital fixo. Isto porque, na ausência de elementos que provoquem um desempenho diferencial da economia gaúcha, como um comportamento excepcional da safra agrícola ou a expansão de segmentos relacionados a vetores autônomos de crescimento (máquinas e implementos agrícolas com os preços das *commodities*; plataforma, com a Petrobras; e automóveis, com a Argentina, por exemplo), o desempenho nacional e a forma como ele impacta o espaço econômico local são as variáveis determinantes.

Mesmo em um ano com um resultado completamente distinto do de 2013, quando um crescimento excepcional da agricultura somou-se a um bom desempenho dos outros setores, a pequena variação negativa e a estagnação econômica de 2014 reforçam a percepção de que a economia gaúcha está menos dependente das condições climáticas incertas e dos seus impactos no desempenho agropecuário local (Lazzari, 2014). Isto porque o pequeno crescimento da agropecuária não teve influência significativa na taxa agregada, o que fez com que o resultado final do PIB do Rio Grande do Sul fosse quase completamente determinado pela composição entre uma grande queda na indústria e um modesto crescimento nos serviços. Se forem analisados os principais fatores que condicionaram o desempenho da indústria e dos serviços, é pouco provável que um maior crescimento no valor adicionado da agropecuária, mesmo impactando a taxa de crescimento do PIB, alterasse significativamente o

crescimento dos outros setores.¹¹ Por exemplo, o setor de máquinas e implementos agrícolas tem seu desempenho relacionado mais com os preços e condições de crédito do que com as quantidades colhidas, como ocorreu em 2012, quando, apesar da queda da agropecuária de 28,1%, o setor cresceu 12,2%.¹² Dessa forma, se, de um lado, parece que está menos dependente de fatores climáticos, o principal problema da economia do Rio Grande Sul reside na necessidade da retomada das condições para o crescimento da economia nacional e de vetores autônomos de crescimento para a economia gaúcha.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL (Bacen). **Séries Temporais**: saldo das operações de crédito — RS. 2014. Disponível: <<http://www4.bcb.gov.br/?SERIESTEMP>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Cadastro geral de empregados e desempregados**. 2014. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/dados-estaduais-48.htm>. Acesso em: 10 maio 2015.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Índices das exportações**. 2014. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/exportacoes/exportacoes-fecham-o-ano-com-queda/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Pesquisa de emprego e desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA)**. 2014a. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/publicacoes/ped-rmpa/serie-historica-mensal/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **PIB trimestral do RS**. 2014b. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/destaques/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas nacionais trimestrais**: 2014. 2014. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Levantamento sistemático da produção agrícola**: 2014. 2014a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa industrial mensal produção física - regional**. 2014b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimprf/regional/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa mensal de comércio**: 2014. 2014c. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua — Trimestral**: 1º trimestre de 2015. 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/default.shtm>. Acesso em: 10 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa industrial — empresa 2013**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2013/defaultempresa.shtm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

¹¹ Por outro lado uma queda na renda agrícola, devido a uma diminuição persistente nos preços recebidos pelos produtores ou nas quantidades colhidas, pode impactar negativamente as atividades voltadas para a economia local.

¹² Já a indústria de produtos alimentícios é mais impactada negativamente com as quebras de safra, mas não tão positivamente com safras excepcionais.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agrícola municipal**: 2013. 2013a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2013/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

LAZZARI, M. R. Economia gaúcha em 2013: para além do crescimento agrícola. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 79-88, 2014.

SÁ, R. de (Coord.). **Matriz de insumo-produto do Rio Grande do Sul**: 2008. Porto Alegre: FEE, 2014. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/matriz-insumo-produto-rs-miprs/mip-rs-2008/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.